

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
DESIGN DE MODA

PARADOXOS ENTRE A MODA E O TEMPO

Orientando: Erika Gottsfritz

Orientadora: Thaís Graciotti

Resumo

A Moda pode ser pensada de diversas formas: como indústria, como expressão individual ou ainda como fenomenologia social. O presente estudo visa entender as bases temporais do elemento Moda dentro da atual sociedade contemporânea, de forma a questionar e entender os paradoxos entre Moda e o tempo, a prevalência da efemeridade e da fugacidade e como um relacionamento existente entre ambos vem a construir as diversas maneiras do vestir, de forma a pensar a Moda como fenômeno social moderno correlacionado as mudanças das indumentárias contemporâneas.

Palavras-chave: Moda. Tempo. Fenômeno Social

Abstract

Fashion can be thought in several ways: as a system, as an industry, as an individual expression or as a social phenomenology. This study aims to understand the temporal bases of the fashion element within the current contemporary society, in order to question and understand the paradoxes between Fashion and time, the prevalence of ephemerality and fugacity and how an existing relationship between them comes to build the different ways of dressing, in order to think of Fashion as a modern social phenomenon correlated with changes in contemporary clothing.

Keywords: Fashion. Time. Social Phenomenon

INTRODUÇÃO

A Moda pode ser pensada como a construção das mudanças no vestir em uma relação de causa e consequência na qual se o tempo, e o período de tempo em que certa indumentária está inserida muda, logo a moda também mudará. Em outras palavras, uma peça de determinado momento da história carrega uma simbologia muito maior do que apenas a sociedade que está inserida, carregando também o tempo em que esta está ou estava.

Um conhecimento mínimo de história da moda permite localizar estilos no tempo e no espaço, fazendo com que uma cena singela transpareça carregada de informações temporais preciosas, identificadas por meio de objetos que normalmente são locados a segunda importância, já que moda e vestuário não passam (para muitos) de frivolidades. (NOBRIGA, 2016, p. 5)

E se uma vez, em um período de tempo passado as mudanças eram quase obsoletas e se delongavam em períodos demasiadamente extensos, hoje essas mudanças ocorrem quase que diariamente.

Mas em que momento essas mudanças no vestir se tornam a efemeridade da Moda? A temporalidade da Moda se dá pela necessidade do culto e da troca pelo novo. Uma vez que novos modos são adotados por uma sociedade, novas Modas surgem.

Entretanto, ao invés de fazer um amplo estudo das mudanças ocorridas na Moda e na sociedade, e como essas mudanças vieram a mudar o vestir, esse artigo visa entender os conceitos os quais circundam a defesa das mudança do vestir, e logo a Moda, como correspondentes a uma atual temporalidade efêmera e fugaz.

1. ROUPAGENS TEMPORAIS

A Moda foi constantemente entendida em uma relação sistema-capital na qual os valores são construídos sob o predomínio do signo da efemeridade. Ou seja, sempre fora pensada e logo compreendida como resultado de mudanças fugazes e ordinárias do vestir, mudanças as quais, pode-se dizer que por vezes foram atreladas e impulsionadas pela lógica do sistema capitalista, no qual a efemeridade se consolida como a moeda da vez.

Ao questionar se este signo ainda possui prevalência na atual sociedade contemporânea, faz-se necessário indagar os paradoxos existentes entre a Moda e o tempo. De forma a debater questões muito mais amplas do que apenas ciclos, tendências, estilos e estéticas, indagar estes paradoxos significa validar as relações temporais existentes na Moda, seja ela fruto de uma época (tal qual as vestimentas datadas como importantes estilos de um período), ou seja em suas correlações com a sapiência da efemeridade como motor de sua existência na sociedade, uma vez que, a indumentária e seus usos tornaram-se objeto privilegiado para a compreensão das práticas e representações sociais.

Essa relação paradoxal Moda/Tempo busca entender o que e qual é a roupagem de um período, ou seja, visa entender como a sociedade de maneira ampla se correlaciona com o quesito tempo, e como esse relacionamento virá a ser transmitido por conseguinte nos modos, nas Modas e no vestir. Já que a Moda, como fenomenologia se inter-relaciona com diversas outras práticas da sociedade e, assim, compõem o vasto e complexo caleidoscópio cultural de determinados lugares e épocas (SALLES, 2010). Desta maneira compreender a centralidade da Moda nas sociedades como um todo a constitui como base na produção e reprodução dos ismos sociais.

Mas mais do que efêmera, no sentido em que a Moda a todo momento questiona o tempo negando qualquer correlação com a permanência (seja de modos ou Modas

do vestir), ela está intrinsicamente correlacionada com as dialéticas do mutável, afinal está circunscrita em uma sociedade que busca o novo a todo instante.

2. DIALÉTICA DO MUTÁVEL

Pensar a Moda por meio de suas relações temporais, significa pensá-la em seu caráter subjetivo, o que se caracteriza na inevitabilidade de se sistematizar bases conceituais e empíricas para a sapiência do objeto Moda dentro do contexto científico (WAJNWAN, 2002). Uma correlação interdependente da Moda com o tempo a partir de noções benjaminianas apresenta em primeira instância a formulação do ideal do mutável, e logo, uma base empírica para uma análise da construção de um pensamento o qual correlaciona ambos como fruto dos modos mutáveis de uma sociedade.

O pensamento benjaminiano busca compreender o que seria a modernidade em fenômenos considerados pela filosofia acadêmica como insignificantes. A Moda seria um desses fenômenos urbanos que indiciam o ritmo marcante da modernidade (SALLES, 2008). Consequentemente ela apresenta a lógica da sociedade moderna cujos valores se constroem sob o signo da mutabilidade, visto que para ele a Moda corresponde a "eterna recorrência do novo". Em seus postulados, Benjamin busca entender os contextos em que tais modos e Modas são produzidos:

Cada estação da moda traz em suas mais novas criações alguns sinais secretos das coisas vindouras. Quem os soubesse ler, saberia antecipadamente não só quais seriam as novas tendências da arte, mas também a respeito de novas legislações, guerras e revoluções — Aqui, sem dúvida, reside o maior encanto da moda, mas também a dificuldade de torná-lo frutífero. (BENJAMIN, 1982, p. 103).

Salientando isso, há em Benjamin a constante aceleração do tempo na modernidade o que por conseguinte divide a experiência histórica da experiência temporal, aqui correlacionada a roupa. A primeira seria fruto de um tempo passado, imutável e que

já foi, a qual caracteriza uma época e seus entrelaçamentos sociais. A segunda, acima exemplificada, é fruto de um tempo presente e da dialética mutável da sociedade do hoje.

Mesmo que tendo seu pensamento fragmentado pelo capitalismo, sob a retórica do novo, a Moda como questão filosófica onírica benjaminiana por vezes aproxima a lógica social da Moda a um caráter transitório e mutável. Segundo ele “as Modas são um medicamento que deve compensar na escala coletiva os efeitos nefastos do esquecimento. Quanto mais efêmera é uma época, tanto mais ela se orienta na Moda” (BENJAMIN, 2006, p. 118). Em outras palavras, sendo configurada como um elemento histórico-social, a relação temporal se constrói em Benjamin, apenas sob a prevalência, ou não, da efemeridade como roupa de uma sociedade e uma época, a qual pode ser dividida por meio da experiência temporal ou histórica da mesma.

Logo, a Moda estaria assim pois, mais do que relacionada à experiência cotidiana do usuário, mas também a transmissão de valores e a dialética do mutável, porque segundo Salles (2008), esta é vivência - o único tipo de experiência possível na modernidade. Dessa forma a Moda apresentaria também a lógica da sociedade moderna, cujos valores se constroem sob o pretexto da velocidade. Mas afinal, para que algo seja Moda, há a necessidade intrínseca da efemeridade como uma forma desta ser mutável?

3. TEMPORALIDADES EFÊMERAS

Gilles Lipovetsky, filósofo francês, teórico da Hipermodernidade, apresenta as principais teorias que circundam a cultura material e a Moda, como um destino das sociedades modernas. Ambas pensadas como fenomenologia onipresente na atualidade, exprimem para Lipovetsky, uma forte vinculação de sedimentação social de característica intrinsecamente efêmera, onde consome-se mais, as coleções duram menos tempo e as vitrines são trocadas muito mais vezes.

Entretanto, ainda que apresentando o que seria a lógica da sociedade atual, Lipovetsky parte para a estereotipação dos valores que englobam a Moda, colocando-

a apenas sob o pilar de instituição social em detrimento a lógica do consumo capitalista sob o pretexto do culto ao novo. O fato de a Moda servir à distinção social não define sua verdadeira natureza; está só pode ser apreendida quando relacionamos sua origem histórica à formação dos valores próprios das sociedades modernas (ALMEIDA, 1995), o que engloba a construção da temporalidade da Moda sob o pretexto Sistema, e não como subjetivação da logicidade social de uma época.

É na marginalização do pensamento subjetivo da Moda dentro das teorias gerais que a englobam que surge a sapiência de pensá-la dentro de seus paradoxos. Se uma sociedade é vista como efêmera, como poderia sua Moda também não ser? Os fenômenos da Moda perseguem o instante e ligam-se ao presente de maneira indelével (ODES, 2014), o que a caracteriza como fruto de um determinado tempo e época, o qual quando analisado, pode vir a ser correlacionado a determinada sociedade de determinado período histórico, seja ele presente ou passado.

Dessa maneira ainda que tendo como implícito em sua temporalidade a efemeridade nos seus últimos 100 anos, a Moda hoje é uma fenomenologia que pode vir a ser pensada por seu caráter cíclico, por vezes sistêmico, e de todas as maneiras, muito mais do que um simples sistema, o qual começa a questionar a prevalência da fugacidade em suas narrativas contemporâneas.

4. NOÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Sendo permeada por paradoxos, desde a última década do milênio, estes se multiplicaram e se tornaram parte ordinária da rotina hodierna. O tempo, que permeia a efemeridade, a informação, o cotidiano, e a Moda está se tornando mais escasso e, ao mesmo tempo, mais procurado (RÖHRING, 2001), ou seja, diante das evoluções temporais, a Moda propicia o que podemos compreender como uma fonte de conflito entre o a psiquê individual e o coletivo social. O ato de se vestir trata-se de uma ação do indivíduo o qual se insere e é referenciado pelo coletivo. De alguma forma um ideário para pensar que o que se veste é reflexo do que se pensa na medida do tempo (D'ALMEIDA, 2005). Em outras palavras, pensar os conceitos por trás de um não Sistema da Moda, e sim está como resultado do compilado de ideologias de

uma época, significa pensá-la sem a retirar do meio social e da vivência temporal em que ela está inserida.

Entretanto, essa efemeridade que há tanto tempo está entrelaçada como uma das engrenagens da Moda, não seria apenas uma das intrínsecas noções contemporâneas? Pode-se dizer que sim. Apresentando-se como uma fenomenologia de caráter representativo, as Modas, e por conseguinte, os modos, são subprodutos de toda a lógica de um tempo, o qual atualmente com o advento da globalização e da rápida troca de informações via internet vem sendo o responsável pelo pensamento fugaz que circunda todo o Zeitgeist (ou espírito do tempo, no qual tanto a arte como a cultura são conceitos inseparáveis, uma vez que são produtos de sua época).

Se antes as apresentações de novas coleções duravam uma tarde inteira, os desfiles hoje perduram demorados 8 minutos. Em outros termos, essa mudança quanto a percepção e relação da sociedade com o tempo é por conseguinte, fruto do Zeitgeist contemporâneo.

O mesmo ocorre com a Moda a qual como fenômeno deve ser analisada como um subproduto de um tempo que exprime os conceitos de uma época como um todo. Portanto, se a lógica de um tempo se caracteriza pela mutabilidade, como esta poderia vir a não ser mutável?

5. A DIALÉTICA DO MUTÁVEL E A MODA

O tempo e sua passagem são imutáveis, mas a forma ele é visto ou vivido não. E se há mil anos os modos e as Modas mudavam há cada milênio, hoje, as indumentárias contemporâneas do ser mudam a cada nova estação. E essa mutabilidade tão vista e fadada aos estereótipos sociais como uma fenomenologia intrínseca apenas a Moda, esta é a resultância de uma sociedade extremamente mutável, na qual a informação só tem valor no momento em que é nova.

Um exemplo muito claro disso está no terreno social sólido e propício a mudanças no qual a indústria do fast fashion se sedimentou. Mais do que servindo de impulsionador

do pensamento que circunda a Moda como a grande força motriz da efemeridade na atualidade, essas redes de consumo de modismos rápidos e fugazes são, nada mais nada menos, do que reflexos do que se pode entender por uma sociedade na qual a dinâmica do consumo foi exacerbada por indústrias que sempre provinham do novo. Dessa forma, pode-se dizer que o caráter efêmero, e por conseguinte, mutável da Moda se acentuou em nossos tempos em virtude da concomitância com outros fenômenos culturais e de produção massiva, tal qual como os meios de comunicação de massa que colocam em circulação uma profusão de signos identitários numa velocidade estonteante (SALLES, 2008).

6. CONCLUSÃO

Enquanto para Walter Benjamin a temporalidade na Moda se constrói na constante aceleração do tempo na modernidade e na eterna recorrência do novo, para Lipovetsky ela é unicamente fruto da moderna sociedade de hoje.

Entretanto, a Moda, por mais que seja um fenômeno que venha a acompanhar as mudanças da sociedade em que ela está inserida, é apenas nessa nova miscelânea social na qual o tempo é percebido efemeramente, que a Moda se torna verdadeiramente mutável. Em outras palavras: como fenômeno, a Moda é a transmissão da experiência temporal e social por meio da roupa. Quanto mais efêmera e a favor da mutabilidade material uma sociedade é, mais mutável a Moda será. Não podendo ser retirada do meio em que está inserida, a Moda nada mais é, do que o mais puro e translucido reflexo dos gostos e desgostos, hábitos, e histórico de um meio social.

Seu tempo é simultaneamente linear e cíclico, no eterno retorno das tendências do gosto (ODES, 2014), buscando sempre referências no passado para vestir o hoje e projetar o que será vestido no amanhã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adílson José de. "Moda e história." *Moda, Comunicação e Cultura: um olhar acadêmico*. 2002.

BARTHES, Roland. *Sistema de Moda*. São Paulo: Martins Fontes. 2009

COMTE-SPONVILLE, André. O ser-tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. [trad.] Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRANE, Diana. A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: SENAC, 2006.

D'ALMEIDA, Maria Gorete. A Modernidade Poética em Charles Baudelaire e Walter Benjamin, dissertação de Mestrado do programa de pós-graduação em Filosofia da UFC. 2005.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. [trad.] Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. Os Tempos Hiper-modernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MOTA, Maria Dolores de Brito. Moda e Subjetividade. Disponível em: <file:///Users/gotts/Downloads/7600-22687-1-PB.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2020.

NOBRIGA, Heloísa. Efemeridade e Permanência. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/edicoes/12-Coloquio-de-Moda_2016/COMUNICACAO-ORAL/CO-03-Cultura/CO-03-EFEMERIDADE-E-PERMANENCIA-NOTAS-SOBRE-ARTISTICIDADE-AFETIVIDADE-E-CONSUMO.pdf. Acesso em 14 de julho de 2010.

ODES. O tempo e a Moda. Disponível em: <http://observatoriodesinais.com.br/odesblog/tempo-e-moda/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

PONTES, Heloisa. Modas e Modos: uma leitura enviesada de o espírito das roupas. In: Hildete Pereira de Melo, Adriana Piscitelli, Sônia Weidner Maluf, Vera Lucia Puga (organizadoras). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação. 2009.

RAINHO, M. DO C. T. Barthes e Bourdieu: os maîtres à penser e a moda. 2011.

RÖHIRING, Marianne. Paradoxos da Moda Contemporânea. Disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12454030/facet-3p65-utp>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

SALLES, Vanessa. Cidade: dispositivo de olhar – elementos para uma teoria benjaminiana da percepção. 2008. 136 p. Tese (Doutorado em Filosofia na Faculdade

de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda e outros ensaios. Trad., intr., notas Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia. 2008.

SVENDSEN, Lars. Fashion: A Philosophy. London: Reaktion Books. 2006

SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.